

## A LEITURA DA LITERATURA: UMA PRÁTICA DIALÓGICA

Laura Beatriz Fonseca de Almeida\*

### Resumo:

*O ensaio repensa o papel da literatura na escola de hoje, cuja eficácia está abalada pelos meios de comunicação de massa, sugerindo uma aproximação do texto literário a textos não-verbais que assegure práticas dialógicas de leitura.*

### Palavras-chave:

*Ensino, literatura, música, cinema, televisão*

Os rumos do ensino da literatura no 1º e 2º graus hoje refletem a crise por que passa a escola. Um dos sintomas graves dessa crise é a figura do aluno que, embora cercado de informações, passa pela escola sem se formar leitor do mundo das letras. Uma escola sem leitores leva o ensino da literatura a indagar seu sentido e sua finalidade.

O enfado dos alunos diante de um texto apenas de letras é a imagem do não leitor que permanece horas, dias, meses, anos entorpecido nas salas de aula, ouvindo e lendo textos sem saber, de fato, para que servem tantas letras.

Conferindo noções, teorias, assuntos como informações prontas, entregues pelo professor ou por um manual, as crianças, os adolescentes - mão no queixo, olhar ausente - movem-se pelas letras menos pela curiosidade de quem quer experimentar algum sentido do que pela relação de compromisso de quem deve devolver ao professor o sentido inviolável do texto, como garantia de aprovação.

Submersos em uma prática tão distante, muitas vezes, de suas vidas, os alunos olham, sem ver; ouvem, sem escutar os textos que os deveriam iniciar no universo de sentidos do mundo das letras. Espiando do lado de fora os signos opacos e indecifráveis do conhecimento, não conseguem alcançar o estatuto de sujeito no jogo da interação verbal da sala de aula. Entre as letras que devem decodificar e aquelas que desejariam conquistar, os alunos da escola vivem um descompasso de sentidos que os impede de interferir na rotina dos enunciados que circulam à sua volta.

\* Doutora em Letras. Professora da UNESP/Campus Araraquara - Departamento de Literatura.

Não há muita diferença entre os alunos da escola pública e os da rede de ensino particular, pois tanto num espaço como no outro a prática de armazenar informações impera como rotina da sala de aula. A escola, na ânsia da atualização, reestruturou-se numa ilusão de modernidade, esquecendo o fundamental, ou seja, o aluno - um corpo curioso, sensível, criativo. Sem atender às solicitações desse sujeito-leitor, que se equilibra com dificuldade no espaço estreito das carteiras, a sala de aula deixa de cumprir sua tarefa maior.

Tolhido por atividades que lhe negam o imprevisível, a dúvida, a incerteza - situações tão necessárias a um corpo em formação - o aluno passa pela escola sem conquistar para si o direito de experimentar/desvendar, no jogo das letras, o sentido do mundo. São muitas as razões para o desencanto do aluno, mas todas elas se resumem numa questão crucial: a escola não convive efetivamente com a noção de sentido como algo a ser construído. Embora a escola tenha um discurso teórico inovador, a sala de aula espelha o contrário. É visível a opção pela informação em detrimento da formação de um sujeito leitor e produtor de seu texto.

A literatura - texto básico na formação ético-intelectual do sujeito - encontrou sempre na escola espaço assegurado para sua circulação. Como expressão autorizada da norma lingüística e reescritura da história de uma nação, a literatura resguarda para si uma autonomia própria do processo de criação que lhe permite cumprir um papel peculiar na aquisição do saber.

Hoje a escola tem sua eficácia abalada pela força dos meios de comunicação de massa. O mundo das imagens invade o das letras e, de modo rápido, faz circular textos não-verbais, causando um descompasso na tradição centrada em textos verbais escritos. Diante dessa realidade, a literatura na escola vai perdendo, pouco a pouco, o prestígio, e o texto literário muitas vezes se resume em pretexto para análises que reduzem a leitura da literatura a exercícios estruturais ou a um rol de informações que visa a assegurar uma ilusão sobre o sentido da obra.

Novas circunstâncias forçam a outros rumos e a escola é impelida a encontrar um equilíbrio desejável entre seu espaço formador e a realidade que a cerca. Os fatos históricos dão as coordenadas do futuro e é imprescindível que a escola saiba dialogar com o novo, para, então, construir uma prática eficiente.

Não se pode negar o empenho dos educadores em acertar um compasso harmônico com o ritmo de uma sociedade construída por diferentes linguagens. O saldo de tantas manifestações e propostas de mudanças, no entanto, não é nada animador. A escola atual lida com seus alunos como se estes fossem memória ativa a armazenar dados para arquivos de informações. Ingenuamente a escola referenda o movimento veloz da mídia e com ela disputa, sem os mesmos recursos, as notícias em sala de aula. Ao trabalhar o conhecimento apenas no compasso das novidades, a escola deixa de cumprir seu papel fundamental: o de formador de individualidades. Reproduzindo a textura do mundo da informação, a escola pouco observa o ritmo de

seus alunos e não percebe que assim fazendo impede o exercício da experiência do aluno que o formaria como leitor dos textos que ela apresenta para discussão.

Na urgência do cumprimento dos programas curriculares, as matérias vão sendo arquivadas por um leitor ingênuo e nada crítico que reproduz dados que, previamente selecionados, lhe são impostos como fundamentais ao seu futuro, futuro esse que quase sempre se resume a um exame vestibular. Desse sistema educacional compartilha o professor, cujo fôlego é insuficiente para tantas investidas. Sem muito preparo, ele vai assumindo certezas que não experimentou e, ao lado do aluno, é mais uma peça sem encaixe nesse corre-corre de uma prática descartável.

Sem leitores, a escola se inviabiliza. Sem ler, não se assimila a norma lingüística e, assim, os textos não se traduzem. Sem compreender o que lê, o aluno não se envolve com o que aprende e nesse círculo vicioso não dá continuidade ao processo que lhe asseguraria a aquisição do saber.

Ensinar literatura na escola é hoje formar basicamente os leitores da atualidade. O texto literário mais do que qualquer outro texto viabiliza a leitura para além da decodificação de informações. Documento de um tempo, lúcido, crítico e criativo, a literatura permite ao leitor ultrapassar o limite do desconhecido e viajar pelo imaginário a outros mundos a serem desvendados pelo pensamento.

A escola, ao assegurar a formação de leitores, promoveria a sala de aula a um espaço efetivo de produção e trocas de sentidos fundamental na auto afirmação do leitor como sujeito de sua leitura. Ao socializar sua experiência, ao compartilhar suas dúvidas e certezas, ao trocar suas sensações, o aluno vive a prática dialógica em que libera sua fala de sujeito - sua voz de leitor. A leitura da literatura é o encontro possível de um universo que permite a reflexão e o acesso a novas experiências. É pelo texto literário que o professor experimentará sempre construir práticas emancipatórias.

Repensar o ensino da literatura é um passo fundamental a ser dado pela escola. Num mundo de tantas linguagens, uma aproximação do texto literário a outros textos como a música, a televisão, e o cinema se faz necessária. Acreditar na leitura do texto não-verbal, realizada pelo aluno extra muros escolares, é pressupor que o contato com diferentes manifestações da arte seja mais sedutor para assegurar, na escola, a experiência da leitura. A música, por exemplo, é um texto que dialoga naturalmente com a poesia. Nasceram juntas e esta guarda o ritmo daquela. O cinema e suas adaptações de obras da literatura, com certeza, motivam um cotejo de leituras das letras com a imagem; da mesma forma, as adaptações feitas para TV de obras literárias popularizam a leitura da literatura via linguagem televisiva.

Para se proporem práticas dialógicas não é suficiente apenas trazer o material não-verbal para a sala de aula; é preciso, antes, conhecer a especificidade de cada linguagem para que esses textos, mais do que motivadores da leitura da literatura, sejam linguagem a ser desvendada por um leitor que está em formação. O conhecimento das linguagens que circulam nos textos de uma sociedade de cultura de

massa é passo fundamental no domínio da literatura que reescreve, sempre num espaço privilegiado, a história de uma sociedade.

No jogo das letras o prazer da leitura deve ser a aventura maior. Ao professor não cabe escolher os lances de seus alunos e sim oferecer, como sugestão, uma parceria a ser experimentada na construção do conhecimento. Se a escola assumir a formação do aluno de modo integral provavelmente deixará de lado o volume de informações e se preocupará com a voz de um sujeito a ser fortalecida. É apostando em práticas dialógicas que a escola tem chance de assumir a leitura da literatura como um diálogo entre linguagens e de assegurar um espaço ao leitor para as suas experiências com outros textos que ele arrisca ler.

#### Abstract:

*Literature has no longer the same effectiveness because of mass communication. This essay rethinks the role of literature at today's school, suggesting an approximation between literary and non-verbal texts to assure dialogical praxis in reading.*

#### Keywords:

*teaching, literature, music, cinema, television*

## O TEXTO DA TRIBO

Tânia Regina Oliveira Ramos\*

#### Resumo:

*A partir de artigo da Veja, abril de 95, sobre o que pensam os jovens do mundo todo, a autora faz uma análise dos temas "em alta" e "em baixa", comparando-os a redações do vestibular da UFSC, em 1994.*

#### Palavras-chave:

*Redação no vestibular, ensino de redação, redação e discurso*

A revista VEJA de 19 de abril de 1995 tem como reportagem de fundo uma análise do resultado da pesquisa exclusiva feita pela agência americana D'Arcy, Masius, Benton & Boules, DMP & B, e suas associadas espalhadas pelo mundo, mostrando que os jovens de todo mundo querem e pensam sobre as mesmas coisas. Na capa um corpo fotografado dos lábios à cintura, na proporção suficiente para identificarmos a juventude do rosto e aquela mesma e conhecida calça velha, azul e desbotada. Em síntese, a capa é uma camiseta branca e básica, o modelito preferido de dez entre dez jovens entrevistados. Nesta camiseta foram colocadas as frases consideradas as mais significativas da pesquisa. "Eu sou mais eu", "Quero um bom emprego", "Conforto sim, riqueza, não", "Eu acredito em computador", "Político é o fim" e a expressão-chave: "A Tribo". No corpo da reportagem intitulada "Planeta Teen" vem a revelação do que querem, como pensam e de que modo vivem os jovens da primeira geração verdadeiramente global da História.

Pois bem: segundo a pesquisa foram consultados 6547 jovens, de ambos os sexos, entre 15 a 18 anos, das classes A e B, de 26 países dos cinco continentes. No Brasil, a entrevista foi feita com 448 alunos e alunas de escolas particulares do Rio de Janeiro e São Paulo. Alguns pontos chamam a atenção, principalmente daqueles que são interessados na cultura contemporânea e na educação formal dos jovens, obviamente não só da classe A e B. A pesquisa americana constata que estão em alta, entre estes jovens: arte, revistas, TV, esoterismo, artistas e comunicação. Em baixa: política, livros, teorias sociológicas, religiosidade, ídolos políticos e reflexão.

\* Professora de Literatura Brasileira - Universidade Federal de Santa Catarina.